



O ACERVO DE BANDOLINS DO MUSEU DE INSTRUMENTOS DA EM-UFRJ: ASPECTOS MUSICOLÓGICOS

Paulo Sá

A cultura islâmica introduziu na Espanha e no sul da Itália diversos instrumentos musicais, entre eles o ancestral do bandolim. Resultado da cultura árabe que enriqueceu o Ocidente, as suas origens remetem a um pequeno instrumento em forma de pêra com o fundo arredondado, tendo sido utilizado na Europa Medieval do século X. Ao lado do *ud* (que significa "arco" ou "forma arredondada" e que mais tarde foi desenvolvido na Europa como *lute* ou *alaúde* com diversos tamanhos e números de cordas), esse instrumento de pequenas dimensões era conhecido na Europa, pelo menos a partir do século XIII, como *quitaire*, *quinterne* ou *guisterne* em francês; *gyterne* (e mais tarde *gittern*) em inglês; *quinterne* em alemão; *guitarra* em espanhol e *chitarra* ou *chitarino* em italiano. Sabe-se que até meados do século XVI estes termos eram utilizados para designar diversos instrumentos de corda. A partir de então, passou a ser definitivamente uma referência à família da *guitarra*. Não é raro localizar em dicionários de música algum tipo de associação entre o bandolim e a família dos alaúdes, mas como podemos observar recentes pesquisas têm focalizado a história sob outro ângulo, afirmando que tem maior relação com a *guitarra*, ou seja, com o violão. Apenas dois instrumentos daquele período sobreviveram. Um deles, do século XIV, pertence à coleção Irwin Untermyer, de Nova York, e o outro (c. 1450) é de propriedade de Hans Oth, de Nuremberg.

O nome bandolim, adotado no Brasil, *mandoline* na Espanha, França e Alemanha, e *mandolin* em inglês, tem sua origem na palavra *mandolino*, diminutivo de *mandola*, um dos ancestrais do bandolim durante a Renascença. O termo *mandolino* aparece pela primeira vez num documento italiano antes da segunda metade do século XVII. Entre os papéis do famoso Cardeal Francesco Barberini em Roma, foi descoberta uma conta paga a um *luthier*, datada de 1634, quando o construtor e reparador listava reparos de "mandolini", lural de mandolino. Mas uma importante informação acerca da construção e fixação da palavra *mandolino* vem, nada mais nada menos que, através de Antonio Stradivari. O grande construtor de violinos dedicava-se também à construção de alaúdes, guitarras, violas e bandolins. Felizmente, muitas de suas plantas com medidas e observações detalhadas encontram-se no *Museo Stradivariano* em Cremona. Além disso, anotações de seu próprio punho revelam que na Itália havia pelo menos sete modelos diferentes de bandolim como, por exemplo, o *mandolino coristo*.



Os anos que corresponderam à chamada *Belle Époque* na França, à Era *Wilhelmine* na Alemanha e aos períodos Vitorianos e Eduardianos na Inglaterra, foram um tempo de grande popularidade do instrumento na Europa, América do Norte e América do Sul. Milhões de instrumentos foram vendidos, milhares de músicas para bandolim foram compostas, arranjadas e publicadas e, durante as primeiras décadas do século XX, o bandolim tornou-se um dos instrumentos mais tocados nas principais cidades da Europa. Havia um interesse econômico considerável ao seu redor, envolvendo editoras de partituras e de métodos, lojas de artesanato e de artes plásticas em geral, sem falar nos *luthiers* e nas lojas de instrumentos musicais. Surgiram muitos clubes, federações e sociedades entre amigos ou em família dedicados ao bandolim, além de revistas especializadas no instrumento para o recreio dos músicos diletantes. Nas artes plásticas, o bandolim teve também uma especial repercussão, sobretudo no movimento conhecido como Cubismo. Pablo Picasso (1881-1973), Georges Braque (1882-1963) e Juan Gris (1887-1927) utilizaram freqüentemente a imagem de violões e bandolins, instrumentos que eram populares nos cafés freqüentados por estes artistas. A imagem nostálgica de um Arlequim ou de um Pierrot tocando bandolim napolitano era um tema freqüente, e além deste, era comum também um tipo de pintura (iniciado pelo pintor Jean-Baptiste-Camille Corot, 1796-1875) representando jovens mulheres vestindo trajes tipicamente italianos em atitude silenciosa e contemplativa segurando um bandolim.

Não obstante, ao longo destes períodos, aumentava também o interesse pelo bandolim no meio musical de concerto na Europa. Técnicas eram inovadas e aprimoradas, compunha-se e ampliava-se o repertório de concerto, métodos eram publicados e perto do final do século XIX grandes mestres de bandolim obtinham aclamação internacional. O nível técnico na prática do instrumento chegou a um patamar nunca antes atingido.

Por conta deste fenômeno musical e social, surgiu na Europa uma grande moda entre o fim do século XIX e as primeiras décadas do século seguinte, focalizando o bandolim como um dos instrumentos mais preferidos da sociedade diletante. Durante este período, como é amplamente sabido, as principais cidades do Brasil, sobretudo, Rio de Janeiro e São Paulo procuravam acompanhar os costumes europeus em voga. De fato, o Rio de Janeiro, como cidade cosmopolita que mantinha um forte vínculo com a Europa através de um trabalho de constante atualização de modas e costumes, absorveu a moda do bandolim. Tocar este instrumento tornou-se uma verdadeira febre, um sinônimo de *status* elevado. Mais do que um fenômeno musical, foi uma mobilização social. Este modismo, tendo nascido no país de origem do bandolim, Itália, tomou proporções incríveis. Desde a segunda metade do século XVIII vinha se tornando na Europa um dos instrumentos preferidos por jovens e por senhoras, aparecendo freqüentemente em pinturas e pequenas esculturas de ouro, prata, bronze ou em porcelanas.



Museu Virtual de Instrumentos Musicais

A trajetória do bandolim no Brasil limitou a utilização do instrumento de forma quase exclusiva no rico gênero musical do Choro. Entretanto, conforme mencionado, o repertório tocado no bandolim na sociedade carioca tinha como referência principal, os costumes musicais em voga na Europa. Sendo assim, antes do nascimento do Choro, o que se tocava no bandolim na cidade do Rio de Janeiro eram gêneros importados: Valsas, Mazurcas, Polcas, Reveries, Berceuses, Meditações, Divertimentos, Fantasias, Serenatas, Prelúdios, Árias, trechos de óperas, entre outros tipos de música característicos do fim do século XIX e início do século XX. Como lembrança desta época, localiza-se na *Divisão de Música e Arquivo Sonoro da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro* um acervo de 122 partituras, todo ele escrito originalmente para bandolim com acompanhamento de piano. Trata-se de um repertório bastante raro e praticamente desconhecido no âmbito do bandolim no Brasil.

O acervo de bandolins do Museu de instrumentos da EM-UFRJ pertencem a este período e a este modismo europeu importado pela sociedade brasileira.